

## ESCRAVIDÃO E REPRODUÇÃO EM MOGI DAS CRUZES (1777-1829)<sup>1</sup>

JONAS RAFAEL DOS SANTOS<sup>2</sup>

A Capitania de São Paulo apresentou no último quartel do século XVIII um crescimento econômico e populacional nunca antes presenciado. Isto ocorreu em função da restauração da autonomia administrativa da Capitania de São Paulo, em 1765<sup>3</sup>, que se apresentou como marco para a história de São Paulo na medida em que os sucessivos governadores, a contar do Morgado de Mateus (1765-1775) implementaram medidas de soerguimento da vida econômica da Capitania. Estas medidas estiveram ligadas diretamente ao incentivo à agricultura, iniciado no governado de Morgado de Mateus,<sup>4</sup> que enviou editais a todas as câmaras das vilas, para o incremento do cultivo de produtos tipo exportação como a cana-de-açúcar e o algodão, bem como para os produtos de subsistência: mandioca, milho, feijão, arroz e anil.

Assim sendo, a população escrava da Vila de Mogi das Cruzes<sup>5</sup>, apresentou um crescimento anual de 2,17% no final do século XVIII, devido principalmente à introdução do cultivo e manufatura do algodão. No início do século XIX, mais precisamente entre 1800 e 1818, presenciou um crescimento anual modesto, 0,56% em função da extinção da manufatura nas receitas de exportação e da queda do ritmo de crescimento da produção do algodão. Após este período, 1818-1829, a população escrava voltou a conhecer um crescimento anual expressivo (1,73%) devido à introdução e desenvolvimento da cafeicultura na região.

Tendo por base este contexto procura-se analisar a importância da reprodução natural na dinâmica do crescimento da população escrava em Mogi das Cruzes.

A distribuição dos escravos segundo sexo mostra que ao longo dos anos analisados ocorreu uma baixa razão de masculinidade entre os escravos, acusando apenas algumas variações. A razão de masculinidade passou de 99,0 em 1777 para 85,0 em 1801. O que chama atenção é o fato que este é o período analisado em que a população escrava apresentou um crescimento mais significativo (2,17% anual). Portanto, dever-se-ia supor que houvesse um aumento na razão de sexo devido à entrada de homens cativos. Em 1818, a razão de masculinidade elevou-se para 103,0 e para 112,0 em 1829. Observa-se que mesmo ocorrendo um aumento na razão de masculinidade permaneceu o equilíbrio de sexos, apresentando semelhança com a razão de sexo da população livre, principalmente nos anos de 1777 e 1801. (tabela 1)

**TABELA 1****DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS SEGUNDO SEXO E A RAZÃO DE MASCULINIDADE EM MOGI DAS CRUZES (1777-1829)**

Sexo	1777	1801	1818	1829
	Números Absolutos			
Masculino	476	757	909	1132
Feminino	481	887	883	1006
Total	957	1644	1792	2138
	Porcentuais			
Masculino	49,7	46,0	50,5	52,9
Feminino	50,3	53,9	49,1	47,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Razão de masculinidade	99,0	85,3	103,0	112,5

## Listas Nominativas, AESP

A tabela 2, evidencia que os escravos na faixa etária de 0-14 anos representavam parcela expressiva da população cativa nos anos estudados. Em 1777, os escravos na faixa etária de 1 a 14 anos representavam 39,5%, 33,7% em 1801, 31,4% em 1818 e 31,6% em 1829. Observa-se que no primeiro período (1777-1801), ocorreu um decréscimo de quase 6% no número de escravos nesta faixa etária, isto é aceitável porque neste período houve um crescimento de cativos anual de 2,17%, que pressupõe a entrada de homens em idade produtiva na vila de Mogi. No segundo período (1801-1801), a presença de escravos na mesma faixa etária reduziu-se em apenas 2,3%, o que era de se esperar em decorrência do crescimento anual diminuto de apenas 0,56% neste período. Porém, no terceiro período (1818-1829), em que se esperava a ocorrência de uma entrada significativa de escravos homens nas faixas etárias produtiva (15-59), devido ao crescimento de 1,73% anual no número de escravos neste período, o grupo de cativos com até 14 anos apresentou um crescimento de 0,2%.

**TABELA 2**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS SEGUNDOS AS FAIXAS ETÁRIAS EM MOGI DAS**  
**CRUZES (1777-1829)**

Faixas etárias	1777	1801	1818	1829
	Números Absolutos			
0-14	378	553	565	676
15-19	83	209	219	286
20-29	162	366	383	492
30-39	111	207	283	329
40-49	97	129	190	197
50-59	69	86	89	88
60-69	38	65	47	51
70-79	13	15	12	09
80ou+	06	15	10	10
Total	957	1645	1800	2138
	Porcentagem			
0-14	39,5	33,7	31,4	31,6
15-19	8,7	12,7	12,2	13,4
20-29	16,9	22,3	21,3	23,0
30-39	11,6	12,6	15,7	15,4
40-49	10,1	7,9	10,6	9,2
50-59	7,2	5,2	4,9	4,1
60-69	4,0	4,0	2,6	2,4
70-79	1,4	0,9	0,7	0,4
80ou+	0,6	0,9	0,6	0,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Listas Nominativas, AESP

A distribuição dos escravos por faixas etárias e sexo (tabela 3), demonstra que os homens e as mulheres tiveram uma participação porcentual semelhante na faixa etária de 0 a 14 anos em todos os anos (exceto em 1818). Neste ano, as mulheres escravas na faixa etária de 0 a 14 anos apresentaram um índice de 29% contra 40% dos homens. Estas evidências a respeito das características demográficas de Mogi afastam-se completamente das mais importantes localidades do Vale do Paraíba e Litoral Norte.

Pois, nestas regiões, principalmente entre 1818 e 1829, a população escrava apresentou uma diminuição significativa de homens nesta faixa etária (0-14 anos).

**TABELA 3**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS SEGUNDO AS FAIXAS ETÁRIAS E O SEXO EM**  
**MOGI DAS CRUZES (1777-1829)**

Faixas etárias	1777		1801		1818		1829	
	H	M	H	M	H	M	H	M
Números Absolutos								
0-14	183	195	239	314	302	260	343	333
15-19	40	43	97	112	112	107	168	118
20-29	81	81	158	208	193	187	279	213
30-39	51	60	102	105	129	152	164	165
40-49	51	46	61	68	92	98	96	101
50-59	38	31	44	42	47	42	44	44
60-69	25	13	40	24	21	26	26	25
70-79	05	08	07	08	06	06	05	04
80ou+	02	04	01	05	06	04	07	03
Total	476	481	756	886	918	882	1132	1006
Porcentuais								
0-14	38,4	40,5	31,6	35,5	40,0	29,5	30,4	33,1
15-19	8,4	8,9	12,8	12,6	12,3	12,1	14,8	11,7
20-29	17,0	16,8	20,9	23,5	21,0	21,2	24,6	21,1
30-39	10,7	12,5	13,5	11,8	14,0	17,2	14,5	16,4
40-49	10,7	9,6	8,1	7,7	10,0	11,1	8,5	10,0
50-59	8,0	6,4	5,8	4,7	5,2	4,8	3,9	4,4
60-69	5,3	2,7	5,3	2,7	2,3	2,9	2,3	2,6
70-79	1,1	1,6	0,9	0,9	0,6	0,7	0,4	0,4
80ou+	0,4	0,8	0,1	0,6	0,6	0,5	0,6	0,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Listas Nominativas, AESP

Na tabela 4, verifica-se uma modesta vinculação entre as faixas etárias e os tamanhos de plantéis. Em todos os anos as participações de escravos com menos de 15 anos apresentaram um crescimento moderado até a faixa de tamanho de plantel de 10 a 19 escravos. Em 1801, ocorreu um crescimento de escravos com 14 anos ou menos até a faixa de tamanho de 20 a 29, enquanto que em 1829 este processo deu-se até a faixa de tamanho de 30 a 39 cativos. Porém, no ano de 1818 a correlação entre tamanho de plantéis e faixas etárias ocorreu em todas as faixas. Observa-se que houve um número significativos de escravos até 14 anos na faixa de tamanho de plantel de 1 a 4 escravos em todos os anos selecionados; variando de 28,1% em 1801 a 38,0% em 1777. Estes dados aproximam-se dos resultados encontrados por Paiva e Libby em Minas Gerais<sup>6</sup>. Segundo estes autores, não existia uma correlação entre faixas etárias e os tamanhos de plantéis, ao contrário do que os trabalhos a respeito de São Paulo e Paraná<sup>7</sup> têm demonstrado. Independente da correlação de faixas de tamanhos de plantéis e as faixas etárias, cabe ressaltar que o significativo número de escravos com 14 ou menos anos associado ao equilíbrio de sexos possibilita levantar a hipótese da importância da reprodução natural positiva dos cativos em todo período analisado.

**TABELA 4**

**DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DOS ESCRAVOS SEGUNDO AS FAIXAS ETÁRIAS E AS FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS EM MOGI DAS CRUZES (1777-1829)**

Faixa etária	Faixas de tamanho de plantéis										Total
	1-4	5-9	10-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60-69	70-79	80ou+	
1777											
0-14	38,0	40,4	40,4	35,4	44,4						39,5
15-19	8,1	8,6	10,5	6,3	2,8						8,7
20-29	19,5	15,0	16,8	18,8	8,3						16,9
30-39	11,7	13,9	11,2		11,1						11,6
40-49	8,4	10,4	10,5	10,4	19,4						10,1
50-59	8,1	5,4	6,0	22,9	2,8						7,2
60-69	3,2	6,1	2,1	4,2	8,3						4,0
70-79	1,6	0,4	2,1		2,8						1,4
80ou+	1,3		0,4	2,1							0,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0						100,0
1801											
0-14	31,1	33,3	33,9	47,0	35,8			31,0			33,7
15-19	15,5	12,0	13,5	8,0	7,5			10,3			12,7
20-29	22,6	22,9	21,2	20,0	26,9			20,6			22,3

30-39	9,7	15,1	12,6	14,0	11,9		11,1	12,6
40-49	7,8	6,8	10,6	3,0	7,5		6,3	7,9
50-59	7,8	4,4	3,4	2,0	1,5		7,9	5,2
60-69	4,1	4,0	3,0	4,0	1,5		7,9	4,0
70-79	0,7	0,4	1,1	2,0			2,4	0,9
80ou+	0,7	0,6	0,7		1,5		2,4	0,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0		100,0	100,0
1818								
0-14	28,1	31,7	36,5	37,5			38,0	31,4
15-19	13,0	12,2	8,8	12,5			15,2	12,2
20-29	23,6	19,1	24,3	21,9			12,7	21,3
30-39	16,1	16,1	14,6	15,6			13,9	15,7
40-49	9,0	13,4	8,0	12,6			5,1	10,6
50-59	6,1	4,3	4,4				6,3	4,9
60-69	2,8	2,6	2,2				2,5	2,6
70-79	0,7	0,3	0,6				3,8	0,7
80ou+	0,7	0,4	0,6				2,5	0,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0			100,0	100,0
1829								
0-14	28,7	32,2	33,9	34,1	39,4	17,6		33,3
15-19	12,6	12,5	13,7	14,8	18,2	25,5		11,1
20-29	23,9	23,5	20,0	22,7	18,2	33,3		25,6
30-39	13,6	17,4	16,8	14,0	9,1	13,7		11,1
40-49	12,2	7,2	9,3	8,3	15,2	5,9		6,7
50-59	4,9	3,9	4,0	4,4				4,4
60-69	2,9	2,2	1,9	1,3		2,0		6,7
70-79	0,7	0,6				2,0		0,4
80ou+	0,5	0,4	0,4	0,4				1,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0		100,0

Fonte: Listas Nominativas, AESP

A hipótese a respeito da reprodução natural é reforçada ao se verificar um número superior de escravos nascidos no Brasil em relação aos africanos, em todos os anos selecionados. Os crioulos representavam 75,0% em 1801, 45,9% em 1818 e 28,5%

em 1829. Os dados a respeito da naturalidade dos escravos apresentaram-se completos apenas em 1801, semelhante ao que ocorreu com os dados a respeito da naturalidade dos proprietários. Em 1801, 100% das informações a respeito da naturalidade escrava foram arroladas, 67,1% em 1818, 42,0% em 1829. Por isso, a análise a respeito da naturalidade será a partir do ano de 1801. Esta opção se explica primeiramente em decorrência do fato de que as características demográficas como sexo e faixa etária não apresentaram mutações significativas nos anos sob análise. Sendo assim o estudo desse único ano a respeito da naturalidade possibilita a visualização do período como um todo. (tabela 5)

**TABELA 5**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS SEGUNDO A NATURALIDADE EM MOGI DAS**  
**CRUZES (1801-1829)**

Naturalidade	1801	1818	1829
	Números Absolutos		
Crioulos	1240	826	610
Africanos	405	202	288
Desconhecidos		772	1240
Total	1645	1800	2138
	Porcentuais		
Crioulos	75,4	45,9	28,5
Africanos	24,6	11,2	13,5
Desconhecidos		42,9	58,0
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Listas Nominativas, AESP

A distribuição dos escravos segundo naturalidade e as faixas etárias permite aprofundar a hipótese a respeito da reprodução natural e reafirmar a possibilidade de ter uma visão de todos os anos analisados por meio da análise dos anos de 1801. Observa-se uma correlação expressiva entre a naturalidade e as faixas de tamanho de plantéis. Os crioulos são predominantes na faixa etária de 0 a 14 anos, enquanto que os africanos apresentam uma participação muito pequena nesta mesma faixa etária. Os crioulos representavam 92,4% (511) dos escravos nesta faixa etária e os africanos apenas 7,6%(42). Na faixa etária produtiva (15-59), os crioulos têm sua participação diminuída e os africanos acrescida. A participação dos crioulos variou de 64,0% a 78,0% e a dos africanos de 22,0% a 26%. Os dados da tabela 6, possibilita concluir que a composição da escravaria por naturalidade na faixa etária de 0 a 14 anos não mudou para os outros,

pois Paiva e Libby<sup>8</sup> chegaram a números próximos para Minas Gerais para o ano de 1832, e Horácio Gutiérrez<sup>9</sup> ao analisar as listas de embarque de escravos na África demonstra que apenas 10% dos escravos traficados eram crianças.

**TABELA 6**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS SEGUNDO A NATURALIDADE E AS FAIXAS ETÁRIAS EM MOGI DAS CRUZES (1801)**

Naturalidade	0-14	15-29	20-29	30-39	40-49	50-59	60-69	70-79	80ou +	Total
Números absolutos										
Crioulos	511	134	239	133	92	67	42	10	10	1238
Africanos	42	75	127	74	37	19	23	05	03	405
Total	553	209	366	207	129	86	65	15	13	1643
Porcentuais										
Crioulos	92,4	64,0	65,3	64,2	71,3	78,0	64,6	66,6	77,0	75,3
Africanos	7,6	36,0	34,7	35,8	28,7	22,0	35,4	23,4	23,0	24,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Listas Nominativas, AESP

A partir da tabela 7, verifica-se que a relação sexo e naturalidade não mostrou nenhuma discrepância quanto a análise já feita a respeito da divisão dos escravos por sexo. As mulheres que compreendiam a maioria em 1801 e, mantinham esta característica tanto entre os crioulos quanto entre os africanos. Por outro lado, a participação de crioulos entre homens é semelhante à das mulheres; 74,7% e 75,98%.

**TABELA 7**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS SEGUNDO SEXO E A NATURALIDADE EM MOGI DAS CRUZES EM 1801**

Naturalidade	Masculino	Feminino	Desconhecido	Total
Números absolutos				
Crioulos	566	674		1240
Africanos	191	213	01	405
Total	757	887	01	
Porcentuais segundo a naturalidade				



Crioulos	45,7	54,3		100
Africanos	47,1	52,5	0,4	100
Porcentuais segundo o sexo				
Crioulos	74,7	75,98		75,37
Africanos	24,3	24,02	0,4	24,63
Total	100,0	100,00	100,0	100,00

Fonte: Listas Nominativas, AESP

A distribuição dos escravos segundo a cor e a naturalidade revela que houve uma correlação positiva entre estas duas variáveis, principalmente entre os africanos. Os crioulos apresentaram um equilíbrio em relação a divisão por cor, pois 46,7% foram registrados como pardos e 51,5% como negros. Por outro lado, os africanos em sua maioria eram da cor negra 92,8% contra apenas 6,9% de pardos. (tabela 8)

**TABELA 8**

**DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS SEGUNDO A COR E A NATURALIDADE EM MOGI DAS CRUZES (1801)**

Naturalidade	Pardo	Negro	Desc	Total
Números Absolutos				
Crioulos	579	638	23	1240
Africanos	28	376	1	405
Total	607	1014	24	1645
Porcentuais				
Crioulos	95,4	62,9	95,8	75,4
Africanos	4,6	37,1	4,2	24,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Listas Nominativas, AESP

A distribuição de escravos segundo a naturalidade e as faixas de tamanho de plantéis não revelou nenhuma correlação entre as variáveis. Não houve uma concentração de cativos brasileiros e africanos nesta ou naquela faixa de tamanho de plantel. (tabela 9)

**TABELA 9****DISTRIBUIÇÃO DO ESCRAVOS SEGUNDO A NATURALIDADE E AS FAIXAS DE TAMANHO DE PLANTÉIS (1801)**

Naturalidade	1-4	5-9	10-19	20-29	30-39	60-69	Total
Números Absolutos							
Crioulos	288	351	317	92	66	126	1240
Africanos	124	151	119	08	01	02	405
Total	412	502	436	100	67	128	1645
Porcentuais							
Crioulos	23,3	28,3	25,5	7,4	5,3	10,1	100,0
Africanos	30,6	37,3	29,4	2,0	0,2	0,5	100,0
Total	25,0	30,5	26,5	6,1	4,1	7,8	100,0

Fonte: Listas Nominativas de Habitante  
Arquivo do Estado de São Paulo

A distribuição dos escravos segundo o estado conjugal e a naturalidade evidencia que os escravos africanos contraíam o matrimônio com mais frequência em relação aos crioulos. Os africanos solteiros, casados e viúvos representavam respectivamente 63,2%, 32,7% e 4,1% e os crioulos 70,6, 23,5% e 5,9%. Costa, Slenes e Schwartz<sup>10</sup>, ao estudarem a família escrava em Lorena indicaram que os africanos tiveram maior acesso ao casamento. Segundo estes autores os africanos procuravam o casamento como uma forma de constituir laços de sociabilidade que possibilitasse preservar a sua identidade africana. (tabela 10)

**TABELA 10****DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS COM MAIS DE 14 ANOS SEGUNDO ESTADO CONJUGAL E NATURALIDADE EM MOGI DAS CRUZES, 1801**

Naturalidade	Solteiro	Casado	Viúvo	Total
Números Absolutos				
Crioulos	515	171	43	729
Africano	229	119	15	363
Total	744	290	58	1092
Porcentuais				
Crioulos	70,6	23,5	5,9	100,0
Africano	63,2	32,7	4,1	100,0
Total	68,2	26,5	5,3	100,0

Fonte: Listas Nominativas, AESP

O número de escravos com 15 anos ou mais que conheceram o matrimônio foi significativo. Em 1801, 31,8% dos cativos haviam contraído o matrimônio, 29,2% em 1818 e 26,7% em 1829. Estas evidências nos remetem ao processo de constituição de famílias entre os escravos. Neste sentido podemos levantar a hipótese que expressivo número de crianças escravas da vila de Mogi nasceu de pais casados, contrariando dessa forma as interpretações anteriores a 1980 que negavam a existência de laços familiares entre os cativos. (Tabela 11)

**TABELA 11**  
**DISTRIBUIÇÃO DE ESCRAVOS COM MAIS DE 14 ANOS SEGUNDO O ESTADO CONJUGAL EM MOGI DAS CRUZES (1801-1829)**

Estado Conjugal	1801	1818	1829
	Números Absolutos		
Solteiro	744	877	1072
Casado	290	322	362
Viúvo	58	33	28
Total	1092	1232	1462
	Porcentuais		
Solteiro	68,2	71,1	73,3
Casado	26,5	26,6	24,8
Viúvo	5,3	2,6	1,9
Desconhecido	100,0	100,0	100,0

Fonte: Listas Nominativas, AESP

Na tabela 12, verifica-se que ao longo dos anos selecionados para o estudo, o número de mulheres casadas não foi superior ao de homens apenas em 1829, porém de viúvas foi em todos anos analisados. A predominância das viúvas explica-se provavelmente devido aos homens morrerem mais cedo em função de serem mais velhos que as esposas. As mulheres contraíram matrimônios com mais frequência que os homens. Em regiões de grandes posses este fato ocorria devido à alta razão de masculinidade permitir mais possibilidade de casamento às mulheres. Contudo este argumento não pode ser aceito para Mogi em decorrência do equilíbrio de sexo que se mostrou ao longo dos anos estudados.

**TABELA 12**

**DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS COM MAIS DE 14 ANOS SEGUNDO SEXO E O ESTADO CONJUGAL EM MOGI DAS CRUZES(1801-1829)**

Estado Conjugal	1801		1818		1829	
	H	M	H	M	H	M
Números Absolutos						
Solteiro	351	393	442	445	593	479
Casado	139	150	160	162	184	178
Viúvo	28	30	16	17	12	28
Total	518	573	618	624	789	685
Porcentuais						
Solteiro	47,2	52,8	49,8	50,2	55,3	44,7
Casado	48,0	52,0	49,7	50,3	50,8	49,2
Viúvo	48,2	51,7	48,5	51,5	51,0	49,7
Total	47,5	52,5	49,7	50,3	50,5	49,5

Fonte: Listas Nominativas, AESP

A soma de homens e mulheres corresponde a 100%

Ressalta-se que houve uma correlação significativa entre o tamanho de plantel e o estado conjugal. A medida que aumentava o tamanho dos plantéis crescia o número de cativos casados. Este processo ocorreu em todos os anos até a faixa de tamanho de plantel de 30 a 39 escravos, exceto em 1801 que foi apenas até a faixa de 20 a 29 escravos. Os solteiros acompanharam a trajetória dos casados inversamente. Porém, entre os viúvos não houve uma correlação com o tamanho das posses de escravos. Os estudos a respeito da família escrava têm demonstrado que isto ocorria devido as maiores possibilidades que os escravos encontravam para contrair o matrimônios nos plantéis maiores devido a maiores oportunidades de escolha que existia entre os escravos nestes plantéis. Por outro lado, isto acabava ocorrendo porque os senhores de pequeno porte, normalmente não permitiam ou dificultavam os matrimônios fora de suas propriedades. Enquanto que os senhores de médios e grandes plantéis, permitiam, provavelmente, para garantir a reprodução de mão de obra escrava. Em relação aos escravos estes encontrariam maior probabilidade de encontrar o seu parceiro e formar um espaço de sociabilidade. (tabela 13)

**TABELA 13**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS COM MAIS DE 14 ANOS SEGUNDO AS FAIXAS DE**  
**TAMANHO DE PLANTÉIS E O ESTADO CONJUGAL EM MOGI DAS CRUZES (1801-1829)**

Estado conjugal	Faixas de tamanho de plantéis										T otal
	1-4	5-9	10-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60-69	70-79	80ou+	
Números absolutos											
1801											
Solteiro	234	229	191	24	24			52			754
Casado	38	84	91	23	16			38			290
Viúvo	12	19	09	06	03			09			58
Total	284	332	291	53	43			99			1102
1818											
Solteiro	363	322	148	19	04			21			877
Casado	46	147	70	20	16			23			322
Viúvo	07	11	09	01				05			33
Total	416	480	227	40	20			49			1232
1829											
Solteiro	355	326	219	89	12		33			38	1072
Casado	61	119	90	56	08		08			20	362
Viúvo	04	10	05	06			01			02	28
Total	420	455	314	151	20		42			60	1462
Porcentuais											
1801											
Solteiro	82,4	69,0	65,6	45,3	55,8			52,5			100
Casado	13,4	25,3	31,3	43,4	37,2			38,4			100
Viúvo	4,2	5,7	3,1	11,3	7,0			9,1			100
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0			100,0			100
1818											
Solteiro	87,2	67,1	65,2	47,5	20,0			42,8			100
Casado	11,1	30,6	30,8	50,0	80,0			47,0			100
Viúvo	1,7	2,3	4,0	2,5				10,2			100
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0			100,0			100
1829											

Solteiro	84,5	71,6	69,7	59,0	60	78,6	63,4	100
Casado	14,5	26,2	28,7	37,0	40	19,0	33,3	100
Viúvo	1,0	2,2	1,6	4,0		2,4	3,3	100
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100

Fonte: Listas Nominativas, AESP

O equilíbrio da razão de sexo dos escravos, número elevado de crianças com até 14 anos e de crioulos somados à presença significativa de escravos casados e viúvos, ao longo dos anos selecionados não deixa dúvida quanto a importância da reprodução para a manutenção e até ampliação do sistema escravista da vila de Mogi das Cruzes.

Porém, os dados a respeito da trajetória da posse de escravos resumidos no processo de concentração entre 1777 e 1801, de desconcentração entre 1801-1818 e de concentração entre 1818 e 1829, revelam que nos momentos em que a produção de mercadorias voltadas para a comercialização apresentava um crescimento, paralelamente o número de escravos crescia de maneira significativa. Isto ocorreu no primeiro período e no terceiro, enquanto que no segundo devido a um pequeno crescimento da produção de mercadorias voltadas para a comercialização, o aumento foi quase insignificante. Pode-se concluir, então, que nos momentos em que a economia expandia-se visando o mercado, o número de escravos crescia significativamente devido, não apenas ao processo de reprodução natural dos escravos, mas também em decorrência do fluxo de escravos via tráfico. Assim sendo as evidências para Mogi das Cruzes aproximam-se mais dos resultados encontrados por Douglas Libby e Clotilde Paiva<sup>11</sup> para algumas regiões Minas Gerais, do que aqueles de Horacio Gutiérrez a respeito do Paraná. Neste sentido, as características demográficas de Mogi, aliadas as hipóteses a respeito da reprodução natural de escravos levantadas por Paiva & Libby e Horácio Gutiérrez<sup>12</sup> possibilita concluir que em economias que não tinham ligações intensas com o mercado externo, embora a oferta de escravos fosse altíssima, como foi o início do século XIX, os proprietários de escravos utilizavam a reprodução natural para manter suas posses, recorrendo ou não paralelamente ao tráfico transatlântico de escravos.

A economia de Mogi das Cruzes estava voltada para o mercado interno uma vez que na maioria dos anos analisados os cativos estavam atrelados à agricultura de subsistência exceto em 1829. Assim sendo, as evidências das características demográficas de Mogi confirmam a associação entre economia voltada para o mercado interno e reprodução natural, antes do fim do tráfico transatlântico de 1850. Em 1801, 68,93% dos escravos desenvolviam atividades ligadas a agricultura de subsistência, 66,0% em 1818 e 46,0% em 1829. A diminuição da participação dos escravos na agricultura de subsistência em 1829 está diretamente relacionada à introdução e desenvolvimento do cultivo do café. Em 1818, apenas 1,1% dos escravos trabalhavam no cultivo do café e 26,6% em 1829. (tabela 14)

**TABELA 14**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS SEGUNDO ATIVIDADES PRODUTIVAS EM MOGI**  
**DAS CRUZES (1801-1829)**

	1801	1818	1829
	Números Absolutos		
Agr. Subsistência	1134	1187	1001
Senhor Engenho	156	175	213
Cafeicultor	----	20	505
Artesão	66	116	82
Prof. Liberal	01	01	----
Magistr./eclesiástico	12	59	24
Negociante	79	136	193
Religioso	165	79	90
Outros	07	04	---
Jornaleiro	09	15	11
Desconhecido	16	02	19
Total	1645	1800	2138
	Porcentuais		
Agr. Subsistência	68,93	66,0	46,9
Senhor Engenho	9,48	10,0	10,0
Cafeicultor	----	1,1	23,6
Artesão	4,01	6,0	3,8
Prof. Liberal	0,06	0,1	----
Magistr./eclesiástico	0,72	3,5	1,1
Negociante	4,80	8,0	9,0
Religiosos	10,03	4,0	4,2
Outros	0,42	0,2	----
Jornaleiro	0,547	1,0	0,6
Desconhecido	0,97	0,1	0,8
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Listas Nominativas, AESP

### Considerações finais

As características demográficas dos escravos não apresentaram alterações significativas. Dessa forma, pode-se constatar ao longo dos anos analisados, uma baixa razão de masculinidade entre os cativos, elevado número de escravos na faixa etária de 0 a 14 anos, de escravos crioulos e de cativos que haviam contraído o casamento. Estes dados mostram que a reprodução natural positiva dos escravos em Mogi das Cruzes foi fundamental para a manutenção e/ou ampliação do sistema escravista ao longo do final do século XVIII e início do XIX.

O processo de reprodução natural de Mogi aproxima-se das evidências de Paiva & Libby, que demonstraram que, no início do século XIX, o número elevado de escravos nas Minas Gerais – maior sistema escravista do Brasil – foi resultado de um processo de reprodução natural aliado ao fluxo contínuo de escravos, via tráfico transatlântico. A situação encontrada em Mogi das Cruzes distancia-se, por sua vez, da paranaense verificado por Gutiérrez que constatou um crescimento anual de 1,20 no número de escravos no Paraná ocorreu particularmente devido ao processo de reprodução natural e não à inserção de cativos via tráfico transatlântico e/ ou interno. Dessa forma, pode-se concluir que em determinadas regiões e diferentes períodos históricos do escravismo brasileiro, embora a oferta de cativos fosse altíssima, os proprietários de escravos aproveitaram-se a reprodução natural para manter e/ou ampliar suas posses, recorrendo ou não ao tráfico transatlântico de escravos.

### BIBLIOGRAFIA

- BELLOTO, Maria Heloísa Liberalli. *Autoridade e Conflito no Brasil Colonial: O governo de Morgado de Mateus em São Paulo*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.
- BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. *Famílias e Escravarias: demografia e família escrava no Norte de Minas Gerais no século XIX*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 1994.
- CAMPOS, Jurandir F. & CARVALHO, Fernando. *Santa Anna das Cruzes de Mogy - huma Villa de Serra acima*. São Paulo: Global (Editora UMC), 1978.
- CANABRAVA, Alice P. *O desenvolvimento da cultura do algodão na Província de São Paulo (1861 –1875)*. São Paulo: s/ed., 1951
- CANO, W. & LUNA, F. V. *A reprodução natural de escravos em Minas Gerais (século XIX): uma hipótese*. *Cadernos IFCH-UNICAMP* 10: 1-14, out. 1983.
- COSTA, I. del Nero & NOZOE, Nelson. *Os elementos da estrutura de posse de escravos em Lorena no alvorecer do século XIX*. *Estudos Econômicos*. São Paulo, 19 (2), P. 319-345, Maio/Agos, 1989.
- COSTA, I. del Nero da & GUTIÉRREZ, H. *Nota sobre o casamento de escravos em São Paulo e no Paraná*. *História: Ouestiones & Debates*. Curitiba, 5 (9): 313-321, dez. 1984.
- COSTA, I. del Nero da, SLENES, R.W. & SCHWARTZ, S.B. *A família escrava em Lorena (1801)*. *Estudos Econômicos*. São Paulo, 17 (2): 245-295, Maio/Ago. 1987.



- COSTA, I. del Nero da. Nota sobre ciclo de vida e posse de escravos. *História: Questões & Debates*. Curitiba, 4 (6): 121-127, Jun. 1983.
- DAUMARD, Adeline (et. al.) *História Social do Brasil: teoria e metodologia*. Curitiba: Ed. Universidade Federal do Paraná, 1984.
- ELLIS, Alfredo . *A economia paulista no final do século XVIII: o ciclo do luar, o ciclo do açúcar*. São Paulo: 1950 (Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo).
- FARIA, S. de C. *A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FERNANDEZ, R.V. G. *As transformações econômicas no litoral norte paulista (1778-1836)*. São Paulo: IPE/USP, 1992. (MIMEO).
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: editora José Olympio, 25 edição, 1987.
- GRINBERG, Isaac. *Gaspar Vaz Fundador de Mogi das Cruzes*. São Paulo: 1979.
- \_\_\_\_\_. *Mogi de Antigamente*. São Paulo: 1964.
- \_\_\_\_\_. *Viajantes Ilustres em Mogi das Cruzes*. São Paulo: 1992.
- GUERZONI FILHO, G. & NETO, L. R. Minas Gerais: índices de casamento da população livre e escrava na comarca do Rio das Mortes. *Estudos Econômicos* 18 (3): 497-507, set./dez. 1988.
- GUTIÉRREZ, Horácio. *Demografia escrava numa economia não-exportadora: Paraná, 1800-1830*. *Estudos Econômicos*. São Paulo, 17 (2): 297-314, maio/ago. 1987.
- \_\_\_\_\_. *Crioulos e Africanos no Paraná, 1798 - 1830*. *Revista Brasileira de História* 8 (16): 1998.
- \_\_\_\_\_. *O tráfico de crianças para o Brasil durante o século XVIII*. *Revista de História*. São Paulo: 1989, p. 59 – 72.
- \_\_\_\_\_. *Grandes e pequenos senhores no Paraná. Documento para discussão*. São Paulo: IPE/ANPUH, julho, 21p., 1987, mimeografado.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Caminhos do Sertão". *Revista de História São Paulo* n° 58 v. 28, p. 69-111, Jan/Març. 1964.
- LIBBY, D. C. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LISANTI FILHO, L. *Comércio e capitalismo: o Brasil e a Europa entre o final do século XVIII e início do XIX (o exemplo de três localidades paulistas – Campinas, Itu e Porto Feliz)*. Tese de doutoramento. FFLCH. São Paulo: 1962.
- LUNA, F. V. & KLEIN, H. S. *Escravos e senhores no Brasil no início do século XIX: São Paulo em 1829*. *Estudos Econômicos*. São Paulo, 20 (3): 349-379, set./dez. 1990.
- LUNA, F.V. & COSTA, I. DEL N. da. *Minas colonial: economia e sociedade*. São Paulo: FIPE/Pioneira, 1982.

- LUNA, F.V. & COSTA, I. del N. da. Vila Rica: nota sobre casamentos de escravos, 1727-1826. África. Revista do Centro de Estudos Africanos da USP 1981 (4): 105-109, 1981.
- LUNA, Francisco Vidal. & COSTA, I. del Nero da. Posse de Escravos em São Paulo no início do Século XIX. Estudos Econômicos. São Paulo, 13 (1): 211-221 Jan./Abr. 1983.
- LUNA, Francisco Vidal. Estrutura de posse de escravos e atividades produtivas em Jacareí (1777 a 1829). Revista do Instituto de Estudos Brasileiros 28: 23-35, 1988.
- \_\_\_\_\_. Minas Gerais: escravos e senhores análise da estrutura populacional e econômica de alguns centros mineratórios (1718-1804). São Paulo: IPE/USP, 1981.
- \_\_\_\_\_. Posse de escravos em Sorocaba!(1778-1836). São Paulo: IPE/USP~ AGO. 1986b.(mimeo).
- \_\_\_\_\_. Características demográficas dos escravos de São Paulo (1777 – 1829). Estudos econômicos. São Paulo: IPE/USP, 22(3): 443 – 483, set./dez., 1992.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: população, atividades e posse de escravos em vinte cinco localidades (1777 – 1829). Estudos econômicos. São Paulo: IPE/USP, 28(1): 99 – 169, jan./mar., 1998.
- \_\_\_\_\_. Areias: posse de escravos e atividades econômicas 1817-1836. São Paulo: Cadernos do N.E.H.D., 1995.
- MARCILIO, M. L. Crescimento demográfico e evolução agrária paulista, 1700-1836. Tese de livre docência. FFLCH/USP. São Paulo: 1974.
- \_\_\_\_\_. Demografia Histórica. São Paulo: Pioneira, 1977.
- MARCONDES, R.L A arte de acumular na economia cafeeira: Vale do Paraíba, século XIX. Lorena – São Paulo: Stiliano, 1998.
- MARTINS, R. B. Minas Gerais, século XIX: tráfico e apego à escravidão numa economia não-exportadora. Estudos Econômicos. São Paulo, 13 (1): 181 -209, jan./abr. 1983.
- \_\_\_\_\_. A economia escravista de Minas Gerais no século XIX. Texto para Discussão N° 10. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1982.
- MARTINS FILHO, A. V. & MARTINS, R.B. Slavery in a nonexport economy: nineteenth century Minas Gerais. Revisited. Hispanic American Historical Review 63 (3): 537-568, ago. 1983.
- MONTEIRO, John Manuel. Negros da Terra: Índios e Bandeirantes nas Origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MOTTA, José Flávio. Contribuição da Demografia Histórica à Historiografia Brasileira. Encontro Nacional de Estudos Populacionais 09, BH, 1994, Anais. FEA-USP (312/E 56), V. 3, pp 273-295, Sessão Temática, 16.

- MOTTA, José Flávio & COSTA, I. del Nero. A formação econômica e social do Brasil sob nova óptica. Informações Fipe, Dez., 1995, p.
- MOTTA, José Flávio. A família escrava e a penetração do café em Bananal, 1801-1829. Revista Brasileira de Estudos populacionais. São Paulo, 5(1): 71 - 101, Jan./Jun. 1988.
- MOTA, José Flávio. Corpos Livres, vontades livres. Posse de escravos e família escrava em Bananal (1801 – 1829). São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999.
- PAIVA, E. F. & LIBBY, D. C. Caminhos alternativos: escravidão e reprodução em Minas Gerais no século XIX. Estudos Econômicos 25 (2): 203-233, maio/ago. 1995.
- PETRONE, Maria Theresa. A Lavoura Canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765-1850). São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1979.
- PRADO JUNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. 23 edição. São Paulo: editora Brasiliense, 1995.
- QUEIROZ, Suely R. Reis de. Algumas notas sobre a lavoura de cana-de-açúcar em São Paulo no período colonial. São Paulo: Anais do Museu Paulista/USP, 21: 109-277.
- RANGEL, A. S. Escravismo e riqueza: a formação da economia cafeeira em Taubaté (1776-1836). São Paulo: IPE/USP, 1990.
- \_\_\_\_\_. História Econômica do Brasil. 6a ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- SCHWARTZ, Stuart B. Padrões de Propriedade de Escravos nas Américas: nova evidência para o Brasil. Estudos Econômicos. São Paulo, 13(1):259-287, Jan./Abr. 1983.
- \_\_\_\_\_. "A população escrava na Bahia" in: COSTA, I. D.N. da (org.) Brasil: história econômica e demográfica, São Paulo: IPE/USP, 1986.
- SILVEIRA, Horácio da CAMPOS, Jurandir F. & HOLME, Oscar. O Povoamento de Boígy Mirim e a Formação da Vila de Santa Anna. Trabalho elaborado para a Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes, set. 1980.
- ZAMELLA, Mafalda P. O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1990.

## NOTAS:

- <sup>1</sup> Parte do terceiro Capítulo da Dissertação de Mestrado intitulada: Escravos e senhores em Mogi das Cruzes: a estrutura da posse de escravos (1777-1801)
- <sup>2</sup> Mestrando em História na FHDSS – UNESP/Franca, sob a orientação da Profa. Dra. Ida Lewkowicz.
- <sup>3</sup> Em 1748, devido à extensão territorial e por não despertar interesse da metrópole, São Paulo é anexado à Capitania do Rio de Janeiro. Acerca do processo de Reestruturação e o Governo Morgado de Mateus, ver; BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Autoridade e Conflito no Brasil Colonial: O governo de Morgado de Mateus em São Paulo.*

- 
- <sup>4</sup> Acerca do projeto de reestruturação econômica da Capitania de São Paulo ver: BELLOTO, Heloisa Liberalli. Economia na Política e nos critérios da Administração do Morgado de Mateus (1765-1775).
- <sup>5</sup> O povoamento colonial inicia-se em 1601, sendo elevada a Vila em 1611, tornando-se a décima sétima Vila criada no Brasil e a segunda no seu interior. Está localizada entre São Paulo e o Rio de Janeiro, distante apenas 50 Km de São Paulo. Segundo Aroldo de Azevedo, até o dobrar do século XVI, existiam quatorze vilas que, com exceção de São Paulo, foram criadas e instaladas ao longo do litoral brasileiro. No século XVII, apenas duas vilas foram criadas anteriormente à Santa Anna de Mogi Mirim: Angra dos Reis de Ilha Grande, atual Angra dos Reis, em 1660, e a vila Cairu na Bahia também em 1600. Então Mogi foi a 17<sup>a</sup> vila criada em todo o Brasil por volta de 1611, encravada no sertão e juntamente com São Paulo de Piratininga, constituíram os únicos pontos avançados de povoamento e colonização do interior.
- <sup>6</sup> Cf. PAIVA, Clotilde Andrade. & LIBBY, Douglas Cole. Caminhos Alternativos: Escravidão e reprodução em Minas Gerais no século XIX, p. 203-233
- <sup>7</sup> Cf. COSTA, I. del Nero & NOZOE, Nelson. Os elementos da estrutura de posse de escravos em Lorena noalvorecer do século XIX, P. 319-345 / Cf. GUTIÉRREZ, Horácio. Demografia escrava numa economia não-exportadora: Paraná, 1800-1830, p. 297-314.
- <sup>8</sup> Cf. PAIVA, C. & LIBBY, D. . Escravidão e reprodução: Caminhos alternativos, p.217-233
- <sup>9</sup> Cf. GUTIÉRREZ, H. O tráfico de crianças escravas para o Brasil durante o século XVIII, p.59-72
- <sup>10</sup> Cf. COSTA, I. & SLENES, R. & SCHWARTZ, S. A família escrava em Lorena, p. 286-8
- <sup>11</sup> Cf. PAIVA, C.A. & LIBBY, D. Escravidão e reprodução: caminhos alternativos, Minas século XIX, p. 203-233.
- <sup>12</sup> Cf. GUTIÉRREZ, H. . Demografia numa economia não exportadora, p. 297-314 / Cf. Crioulos e Africanos no Paraná, p. 161-8